

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Pleito Contra um Turismo (Tendencialmente) Insustentável: A Disneyficação de Óbidos". In: *Anuário do Património*. Lisboa: GECORPA | Grémio do Património - Canto Redondo, 2018, nr.3, pp.276-281.



anúário do património

boas práticas de conservação e reabilitação

OPINIÃO

Património de
infinita riqueza

POLÍTICAS PÚBLICAS

Reabilitar como Regra

LEGISLAÇÃO

Relatório prévio.
Questões técnicas
frequentes

REPORTAGEM

A reabilitação do
Palácio da Bolsa.
Património,
complexidade e
trabalho em rede

PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO • PATRIMÓNIO INTEGRADO E MÓVEL • EDIFÍCIOS E OUTRAS CONSTRUÇÕES •
PROJECTO, FISCALIZAÇÃO E ARQUITECTURA PAISAGISTA • INSPECÇÕES, ENSAIOS E ARQUEOLOGIA •
PRODUTOS, MATERIAIS E EQUIPAMENTOS E NOVAS TECNOLOGIAS • GESTÃO CULTURAL E PATRIMÓNIO
IMATERIAL • FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO • ASSOCIATIVISMO E CIDADANIA

DIRECTÓRIO
DO PATRIMÓNIO
AGENTES
DO SECTOR

PLEITO CONTRA UM **TURISMO** (TENDENCIALMENTE) **INSUSTENTÁVEL**

A DISNEYFICAÇÃO DE ÓBIDOS

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS | ARTIS - Instituto de História da Arte,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | joaquimr.santos@gmail.com

RESUMO

O turismo é geralmente encarado pelos decisores políticos, gestores e outros intervenientes, directa ou indirectamente ligados ao património cultural, como um potenciador de recursos económicos que permite gerar fluxos financeiros que tornem sustentável a manutenção desse património cultural, mas também faça mover toda uma economia que se desenvolve em redor da turistificação do património cultural, como a hotelaria, a restauração, a venda de recordações, a organização de actividades lúdicas e eventos culturais, etc. Mas, se umas vezes o turismo aparenta ser um recurso com óbvios proveitos para todos, outras vezes acaba por se tornar insustentável e levar à falência desse modelo económico. A fórmula seguida em Óbidos poderá, aparentemente, vir a ser um dos casos que se inserem neste último desfecho.

PALAVRAS-CHAVE

Óbidos, património cultural, turismo, sustentabilidade, *disneyficação*

ENQUADRAMENTO

Antes de iniciar a temática em epígrafe, algumas notas preliminares que considero importantes referir. Nasci e vivo numa localidade vizinha a Óbidos, e desde pequeno me habituei a frequentar a pequena vila amuralhada, pelo que pude seguir, com algum distanciamento, mas ainda assim relativamente de perto, o desenvolvimento que se tem vindo a assistir em Óbidos desde pouco depois do restabelecimento da democracia em Portugal. É por isso evidente que este texto se encontra contaminado pela minha própria experiência pessoal, bem como dos meus familiares, amigos, colegas e inclusivamente desconhecidos que comigo partilharam as suas próprias experiências pessoais. Tive também a felicidade de ter visitado inúmeros exemplos de património cultural em Portugal e no estrangeiro, seja por via do meu trabalho relacionado com a investigação em salvaguarda patrimonial, seja por motivos pessoais de paixão por estes locais, o que me permitiu testemunhar diferentes casos relacionados com a turistificação do património cultural.

O texto assume-se, por isso, não como um artigo de teor científico baseado em investigações aprofundadas, mas antes como uma reflexão crítica que resultou da minha



1. Vista geral da vila amuralhada de Óbidos.
© Joaquim Rodrigues dos Santos

própria experiência pessoal e profissional, nomeadamente o desenvolvimento da minha tese de doutoramento (Santos, 2012). E é precisamente da tese que se retirou grande parte do presente texto, devidamente editado. Nada me move pessoalmente contra nenhum dirigente político ou qualquer outro personagem ligado ao património cultural e ao turismo obidense, e por isso mesmo as menções a estes são feitas em abstracto, sem nomes nem cargos/funções, e mesmo o período temporal é distendido desde meados do século XX até à actualidade. Apenas me move o desalento por ver o rumo seguido por Óbidos e o alerta para o que poderá suceder em muitos outros casos.

ÓBIDOS COMO UM CASO DE ESTUDO PARADIGMÁTICO

Óbidos era um povoado relativamente bem preservado quando começou a ser intervencionado na década de 1930, altura em que a cerca amuralhada e o castelo foram restaurados. Por volta de meados da década de 1940, as intervenções estenderam-se ao conjunto urbano, com operações de embelezamento dos espaços públicos e das fachadas das casas, uniformizando-as segundo uma imagem supostamente tradicionalista. Em 1950 foi inaugurada a Pousada do Castelo, localizada nas ruínas restauradas do antigo paço do Castelo de Óbidos, assumindo-se assim a crescente importância do turismo para a pitoresca vila e para o próprio país.

Esta aposta no turismo como motor primordial de desenvolvimento não mais parou de crescer até aos nossos dias, com a extensão também à exploração do património

intangível e dos eventos culturais, e isso teve repercussões tremendas na vila e nos seus habitantes, que não se poderão considerar na sua maioria benévolas.

Face às rápidas mudanças nos estilos de vida contemporâneos, à abolição de fronteiras e ao aumento das migrações, à acelerada urbanização e consequente afastamento da Natureza, e à homogeneização e miscigenação globalizada, a perda das referências ancestrais precipitou a perda da própria identidade, motivando sentimentos de insegurança e angústia e uma demanda pelas raízes culturais e memorativas.

O regresso a lugares onde o Passado está presente funciona por isso como uma catarse psicanalítica de libertação e de purificação dos sentimentos repressivos associados à voracidade do mundo moderno. De certo modo, o retorno às memórias do Passado é similar ao retorno ao lar familiar, à casa materna cujas memórias recordam as raízes e hábitos familiares que transmitem conforto e segurança. O regresso espiritual às origens, ainda que adulteradas ou artificializadas para se tornarem puras, humanizadas e idealizadas, converteu-se com frequência num exercício homeostático periódico cuja prática permite recobrar forças para retomar a vida quotidiana.

Estes actos terapêuticos de imersão no património cultural por parte das sociedades modernas potenciaram o desenvolvimento de uma florescente indústria turística intimamente conectada com o mercado da nostalgia. A (re)produção do Passado converteu-se num próspero negócio.

Paulo Varela Gomes mencionou a evidente aporia inerente ao conceito de património no seio da sociedade contemporânea (e particularmente na cultura ocidental): um monumento é tanto mais património quanto mais autêntico for (mais antigo e menos alterado), mas é

menos património quanto menos reconhecível seja relativamente à sua presumível forma prístina criada no Passado. A antinomia reside na percepção de que a intervenção restaurativa é ao mesmo tempo passível de valorizar e desvalorizar os monumentos, dotando-os e retirando-lhes autenticidade ao mesmo tempo (Gomes, 2005, s/p). É quase uma analogia com o *Princípio da Incerteza* de Werner Heisenberg, mas aplicado ao restauro arquitectónico: quanto maior é a precisão relativamente a uma das dimensões valorativas, menor é a precisão sobre a(s) outra(s) dimensão(ões).

O desfrute do património cultural estende-se também, cada vez mais, aos conjuntos urbanos, às áreas paisagísticas, às tradições e a outras dimensões. Salvar um conjunto histórico representa preservar as estruturas físicas, mas também as vivências e simbolismos associados sempre que tal seja possível. Em muitos sentidos, salvaguardam-se as “ambiências” (ambientes físicos conjuntamente com vivências intangíveis), não só para prover as comunidades locais de condições de vida compatíveis com as preexistências e ao mesmo tempo com as exigências modernas, mas também para proporcionar lugares de memória para as sociedades contemporâneas, ao dispor de instrumentos de instrução cultural e de recreio. Complementando as intenções instrutivas e de lazer, existem diversos eventos organizados periodicamente com o objectivo de recriar o Passado, dos quais as feiras medievais são as mais paradigmáticas.

A cultura é actualmente uma das pedras da sociedade, visível no aumento da indústria e do turismo de índole cultural. Os monumentos, os conjuntos urbanos antigos, as vivências arcaicas, as tradições ancestrais, tudo isso adquiriu um estatuto duplo como obras pedagógicas e como produtos económicos avidamente consumidos pela indústria turística. Se num primeiro momento os turistas costumavam visitar os espaços culturais sobretudo com intenções pedagógicas, paulatinamente os interesses culturais começaram a ser substituídos pelos aspectos recreativos, e especialmente pelo estatuto social que cada vez mais se associou às viagens, o que originou um turismo de massas globalizado. O exemplo mais sintomático reporta-se às fotografias pessoais, muitas delas publicadas nas redes sociais, onde as pessoas estão num primeiro plano, e os monumentos num plano distante ou parcialmente ocultos por trás da pessoa fotografada. As fotografias servem para provar a visita efectuada, e ao mesmo tempo é uma forma de eternização e auto-veneração.

David Lowenthal afirma que as fotografias corrompem a visão das pessoas sobre o património. Quando este se observa pessoalmente, as expectativas criadas pelas foto-

grafias costumam sair defraudadas: os monumentos ou lugares são menores, mais sujos, mais arruinados, menos pitorescos, mais desvirtuados, rodeados por carros e fios eléctricos, e por aí fora (Lowenthal, 1998, p. 435). Os fotógrafos, profissionais ou amadores, geralmente procuram enquadramentos pitorescos que favoreçam o tema retratado (monumentos, conjuntos urbanos, paisagens, acções), ocultando o que possa prejudicar a harmonia da fotografia e criando hiper-realidades mais perfeitas. Também as recriações históricas seguem pressupostos similares, reescrevendo a história para enaltecer aspectos positivos e ocultar os negativos: à exaltação de acções heróicas, dos edifícios monumentais e conjuntos urbanos vetustos, bem como das paisagens pitorescas, opõe-se o esquecimento das atitudes criminosas, a pobreza, a sujidade, a precariedade construtiva e outras mais, criando também hiper-realidades que se estendem ao próprio património arquitectónico, frequentemente distorcido para enquadrar imagens físicas baseadas em imagens mentais, deliberadamente construídas para atrair turistas.

A florescente indústria turística mudou o panorama socioeconómico de várias regiões e, em muitos casos, suprimiu as actividades económicas anteriores, tornando-as inteiramente dependentes do turismo. A constante demanda de turistas origina uma intensa exploração do património, que em alguns casos inclusivamente se recria para se aproximar dos desejos dos turistas ávidos de consumir símbolos de um Passado idílico (Herbert, 1995, p. 10-12). Como afirma Françoise Choay, os espaços patrimoniais começaram a ser transformados em produtos de consumo turístico, com reutilizações lúdicas ambíguas que dissimulam a sua verdadeira natureza: os espaços antigos convertem-se em cenários embelezados que criam imagens polidas, complementados por eventos mediáticos que multiplicam o número de visitantes ao mesmo tempo que tentam criar um ambiente de convivência aldeã. Introduzem-se diversos dispositivos para atrair, reter e familiarizar os visitantes, como mobiliário urbano padronizado de inspiração retro ou moderna, sistemas gráficos de sinalização, pavimentos que imitam o antigo, jardins com floreiras e outros estereótipos pitorescos (Choay, 2000, p. 195-196). Tais práticas causam um profundo impacto sobre as populações locais e o espaço, que originam perversões e a perda de autenticidade e de outros valores patrimoniais. Uma vez mais, a alusão analógica ao *Efeito do Observador* de Heisenberg afigura-se pertinente, pois o acto de observar altera as circunstâncias do elemento observado.

A cidade de Veneza apresenta-se, em muitos sentidos, como uma ironia: nesta cidade foi criado um dos documentos mais importantes para a preservação do património; e é o próprio património a causa da agonizante morte

da cidade por um processo de autofagia, fomentado pelo ávido turismo consumista. Pode-se extrapolar o perigo do turismo recorrendo a uma analogia com a obra *Contre Venise* de Régis Debray, mas aplicando-a à vila amuralhada de Óbidos, talvez o conjunto urbano fortificado em Portugal onde o impacto do turismo é mais evidente. A vila amuralhada de Óbidos, pela sua considerável integridade urbana e arquitectónica, foi uma das primeiras a ser classificada como património urbano e a receber operações de restauro, de embelezamento e de melhoramento, com um forte objectivo de atrair turistas. Estando relativamente bem preservada e próxima a Lisboa, converteu-se num dos conjuntos fortificados mais visitados por turistas.

A cerca amuralhada de Óbidos promove um corte semiótico entre as vivências reais do mundo extramuros e as vivências pretensamente idílicas do conjunto intramuros; a passagem pelas portas fortificadas significa uma espécie de ritual simbólico de transição para um novo universo físico e mental mais próximo à dimensão humana. Os carros ficam fora da cidade, que tem de ser percorrida a pé num ritmo necessariamente mais lento e adequado ao

homem; o stress da vida moderna fica fora da muralha e as pessoas entram num mundo mais alegre e sem preocupações. Em Óbidos tudo aparenta estar musealizado, com as casas brancas, as ruas empedradas, as floreiras coloridas, os monumentos adornados... Mais: o cuidado cenográfico de Óbidos origina a sensação de se percorrer um parque temático, que se pode desfrutar mas onde não se pode viver. As igrejas, o castelo e os solares constituem cenários privilegiados de uma teatralização, onde os turistas são também actores e interagem com personagens supostamente típicos da vila.

Aos colossais engarrafamentos provocados pela multidão de visitantes nos períodos turísticos, sucede-se o despoivoamento desolador quando a cidade teatralizada encerra as actividades turísticas.

Os habitantes que não se conformam com o espectáculo teatralizado dos costumes foram como que afastados da sua vila intramuros de forma (in)voluntária, por motivos especulativos relacionados com a indústria turística, ou por uma inadequada legislação. A percepção geral é a de que a população residente intramuros tem vindo a decrescer inexoravelmente. Também por isso, os visitantes não costumam ver em Óbidos os aspectos das vivências quotidianas, como a roupa estendida nas casas, as pessoas a falar nas varandas, as crianças saltando pelas

2. Rua de Óbidos, com actividade comercial dirigida aos turistas.
© Joaquim Rodrigues dos Santos





3. Mercado Medieval com o Castelo de Óbidos ao fundo.
© Márcia Lis

ruas, os cães dormindo ao sol, os idosos a jogar dominó, xadrez ou cartas... As casas de residência foram gradualmente substituídas por pensões hoteleiras de turismo local e por vivendas de fim-de-semana de pessoas abastadas que vivem nas grandes cidades; as actividades económicas originais e necessárias para as vivências quotidianas foram substituídas por lojas de recordações turísticas que vendem produtos kitsch e pseudo-tradicionais – alguns deles *made in* qualquer outro país – ou por bares que oferecem diversão nocturna. Em muitos casos substituíram-se as funções religiosas por outras culturais (museus, livrarias e espaços de conferências ou para recitais de música) nas igrejas. O próprio castelo, monumento nacional, é actualmente uma luxuosa pousada cujo deleite é acessível apenas a quem o possa pagar.

Óbidos paulatinamente começou a existir para os turistas, não para os seus habitantes. A cidade converteu-se num fóssil onde as formas se mantêm, mas a vida própria se extinguiu. Se, por acaso, alguma vez desaparecesse o turismo, a vila sucumbiria; quem sabe não esteja próximo o dia onde se pagará a pessoas para que voltem a habitar Óbidos e que mantenham modos de vida arcaicos que a convertam num grande parque temático? A antiga alcáçova (Cerca Velha) que originou Óbidos é já como que um parque temático, onde cenários semi-permanentes imitando edifícios medievais impedem a percepção do espaço real. Os turistas costumam seguir um itinerário pré-programa-

do que, omissivo de sensações de autenticidade, não permite as emoções de descobri-la, mas tão só as frustrantes confirmações de algo que lhes é dado nos guias turísticos. Muitos dos turistas mais diligentes que procuram a autenticidade, defraudados pela experiência proporcionada pela visita a Óbidos, dificilmente costumam voltar uma segunda vez, preferindo encontrar a autenticidade noutros lugares mais longínquos e recônditos.

A submissão à indústria turística, sem a qual talvez Óbidos já não possa viver, demanda a realização de eventos complementares ao património cultural, criando justificações para que os turistas voltem uma segunda ou terceira vez. Anualmente realizam-se (ou já se realizaram) eventos como o *Mercado Medieval de Óbidos*, a *Óbidos Vila Natal*, o *Festival de Ópera de Óbidos*, o *Festival Internacional do Chocolate de Óbidos*, a *Semana do Internacional de Piano de Óbidos*, o *Festival Literário Internacional de Óbidos*, o *Mercado Árabe de Óbidos*, a *Semana Santa de Óbidos*, a *Temporada de Cravo de Óbidos*, o *Maio Barroco de Óbidos*, o *Junho das Artes em Óbidos*... Contudo, a proliferação destes eventos contribui para afastar a sensação de autenticidade e, pelo contrário, incrementa a impressão de se estar num parque temático; e ao afastar os turistas que procuram autenticidade, torna-se necessário criar mais eventos para tornar a atraí-los, criando um círculo vicioso autofágico.

O turismo excessivo é provavelmente o maior perigo, actualmente, para o património cultural, já que influencia enormemente os diversos tipos de intervenção. É por isso necessário dominá-lo para que, voltando à analogia com Debray, a cidade de Veneza não se converta num Casino Venetian – ou, no caso de Óbidos, o conjunto

urbano não se converta numa Disneylândia com castelo da Bela Adormecida, numa espécie de “síndrome de *disneyficação*”. O turismo funciona, de facto, como um remédio, mas cuja aplicação necessita de ser realizada por profissionais, depois de estudos judiciosos: em quantidades adequadas é terapêutico, mas em excesso ou mal administrado converte-se num veneno que pode debilitar ou inclusivamente matar.

NOTAS FINAIS

Voltando à minha experiência pessoal, devo confessar que com o passar dos anos evito cada vez mais ir a Óbidos, especialmente durante a época alta ou em eventos culturais ou recreativos, alturas em que é quase impossível andar nas ruas, tal a dimensão da mole humana de turistas nas ruelas da vila, que se assemelham a entupimentos adiposos em artérias sanguíneas prestes a sofrerem um acidente vascular. O problema é que, fora dessas alturas, também pouco existe que me faça lá ir mais do que uma vez casualmente, pois a vila encontra-se quase que semi-abandonada de vida. Prefiro sem qualquer dúvida meter-me no carro e rumar às pequenas aldeias recônditas do interior de Portugal, (felizmente) algumas delas ainda quase desconhecidas e intocadas pelo intoxicante turismo de massas, onde a autenticidade está presente nas vivências dos moradores e nos ambientes rurais relativamente preservados.

Colegas estrangeiros que me pedem para lhes mostrar Óbidos acabam por ficar frustrados com a falta de autenticidade aí vivida, diferente das imagens que lhes foram chegando por outras vias. Acaba por ser irónico ver turistas que detestam os turistas e as consequências do turismo! Aliás, acredito que quase toda a gente detesta turistas – como é o meu caso, sobretudo se forem em demasia; se calhar, até mesmo muitos dos que vivem do turismo detestam turistas...

Óbidos foi o exemplo, aqui abordado, da problemática causado pelo turismo excessivo e desregrado; mas poderia ser uma grande cidade como Lisboa ou Porto, uma cidade média como Évora ou Guimarães, uma vila como Marvão ou Almeida, ou uma aldeia como Piódão ou Sortelha. Ou até parques naturais, como o Gerês ou as Berlengas. O grande problema que aqui se põe é a questão da sustentabilidade enquadrando o turismo, algo que os nossos decisores políticos e gestores culturais parecem ainda não ter interiorizado, no afã de recolher o maior número de proveitos financeiros possíveis. O problema é que, quando o fizerem, poderá ser tarde demais, e a “galinha dos ovos de ouro” poderá ter já morrido de exaustão, pelos excessos cometidos na sua exploração...

BIBLIOGRAFIA

Choay, F. (2000). *A Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70.
Gomes, P. V. (2011). *Alois Riegl Ontem e Hoje*. Coimbra, texto policopiado (inédito).
Guillaume, M. (2003). *A Política do Património*. Porto, Campo das Letras.
Herbert, D. (ed.) (1995). *Heritage, Tourism and Society*. Londres, Mansell.

Lowenthal, D. (1998). *El Pasado es un País Extraño*. Madrid, Akal Universitaria.
Santos, J. R. dos (2012). *Anamnesis del Castillo como Bien Cultural: Construcción de la Imagen, Forma y (Re)Funcionalización en la Rehabilitación de Fortificaciones Medievales en Portugal*. Alcalá de Henares, texto policopiado (tese de doutoramento – Universidad de Alcalá).
Thiesse, A.-M. (2000). *A Criação das Identidades Nacionais*. Lisboa, Temas e Debates.